

O communismo e a actualidade européa

Henri Guilbeaux manifesta pela primeira vez, por intermedio do O JORNAL e do "Diario de São Paulo", sua dissidencia com o regimen dos Soviets

Sergio Buarque de HOLLANDA
(Enviado especial d'O JORNAL e do
"Diario de São Paulo")

O sr. Sergio Buarque de Hollanda, enviado especial d'O JORNAL e do "Diario de S. Paulo" á Polonia e á Russia, cujas primeiras chronicas de viagem já foram publicadas ha algum tempo, acaba de chegar a Varsovia, regressando da Republica dos Soviets, onde esteve realizando um paciente inquerito em torno á situação actual do communismo e das suas instituições.

A série de chronicas, cuja publicação iniciámos hoje, com a entrevista que lhe concedeu Henri Guilbeaux, representa a segunda parte da sua interessante reportagem.

BERLIM, outubro.

O proposito de inquirir sobre a situação do communismo devia começar, como é justo, pela indagação das condições reaes do unico Estado moderno onde a ideologia marxista se fez lei, ha doze annos, sob a fórmula da dictadura do proletariado. Mas os contratempus que retardaram por algumas semanas minha viagem ao paiz dos Soviets não me impediram de conversar sobre esse relevante problema, com alguns representantes mais consideráveis dessa facção politica. São algumas dessas conversas que em varias correspondencias procurarei reproduzir com a melhor fidelidade aos leitores do O JORNAL e do "Diario de S. Paulo".

Entre esses representantes o nome de Henri Guilbeaux destaca-se sob muitos aspectos. Poucas pessoas — dentre os interessados nos acontecimentos politicos da actualidade — desconhecem sua admiravel biographia de Lenin e muito poucas ignoram sua actividade fascinante de pacifista por occasião da grande guerra.

UM PACIFISTA SINCERO

Romain Rolland, entre tantos, referiu-se, não ha muito, com palavras de entusiasmo á sua sinceridade, á sua coragem inquebrantavel e "ao dom que elle soube fazer

porque é um ponto em que os editores insistem em collaborar conosco — talvez com razão. Em todo o caso é bastante saber-se que, apparecendo justamente no decimo anniversario de minha condemnação á morte, pretende ser uma memoria justificativa, uma especie le "pro domo". Ao mesmo tempo é um pretexto para discorrer sobre os acontecimentos e os factos em que me vi envolvido, naturalmente com numerosos dados ainda ineditos sobre a guerra e a revolução russa. O que me facilita sobretudo nesse proposito é que conheci os perso-

cusações e de injurias por parte dos "chauvinistas". Minha attitude foi depreciada largamente e em todos os tons pela imprensa franceza. Reagi contra as accusações, que me eram feitas, não pela retractação, nem pelo silencio, que seria uma especie de retractação, mas ao contrario, tornando mais intensa a minha campanha contra a guerra e contra os responsaveis pela guerra, dos dois lados do "front".

Para isso fundei a revista "Domain" onde em pouco tempo reuni numerosos adeptos do pacifismo em todos os paizes da Europa. Entre estes Romain Rolland, Bertrand, Russell, Lenin, Lunatchaisky, Morel, Alexandra Kollontay, Martoff, Radek, Zinovieff, Franz Masereel, P. J. Jouve e Ellen Key.

DEPOIS DE ZIMMERWALD

Foi nesse ambiente — proseguiu Guilbeaux — nesse ambiente de pacifismo que começou a surgir a idéa da 3.ª Internacional. A fallencia da social-democracia estava mais do que provada com a attitude conhecida dos seus principaes "leaders" durante a guerra.

Zimmerwald approximava-se e todos os que, como eu, tinham o sentimento da necessidade da revolução social, agruparam-se ao lado de Lenin, Zinovieff e Radek que eram dos mais ardentes partidarios do marxismo integral. E foi assim que participei no Congresso de Zimmerwald, como na conferencia de Kienthal — os dois acontecimentos basicos da Internacional communista. Ao partir para a Russia Lenin confiou-me o cargo de correspondente do "Prawda" na Suissa. Isso é uma amostra de que o grande revolucionario já tinha de antemão, a absoluta certeza de sua victoria.

O interessante é que, mesmo entre os communistas mais ardorosos, essa confiança cega que Lenin nutria pelo successo da revolução era apreciada diversamente e algumas vezes ridicularizada. Recordo-me bem que sobretudo Babanowa e Lunatchaisky procuraram, por varias occasões, prevenir-me contra o heroe da revolução e contra a "má influencia que elle exercia sobre mim". "De mais accrescentavam — elle não terá nenhum papel na revolução". Os acontecimentos vieram desmentir e desmoralizar esse scepticismo, dando razão a mim e á certeza de que tinha de lidar com um verdadeiro conductor de homens.

Os dias que succederam áquelles dois congressos foram dos mais agitados de minha vida. As potencias já haviam iniciado as conversações para o armistício. Por intervenção franceza fui preso por algumas semanas em Genebra, cidade em que a germanophobia era mil vezes mais terrivel que na Franca ou na Belgica. Os jornaes

(Continua na 4ª pag.)



Sr. Henry Guilbeaux

nagens principaes dessa revolução muito antes de outubro de 1917 e pude acompanhar de muito perto todos os acontecimentos que precederam e succederam a sua irrupção.

Bem antes da guerra fui membro do Partido Socialista francez. Afastei-me depois de pouco tempo porque não me pude habituar com o burocratismo dominante nessa organização partidaria. Pertenci ao grupo da "Vie Ouvrière", que reunia principalmente os anarcho-syndicalistas mais ou menos filia-dos ás idéas de Georges Sorel. Militei nesse grupo ao lado de figuras como Pierre Monatte, Alfred Rosmer, Francis Delaisi, Merrheim (o secretario da Federação dos Metaes) e Marcel Martinet. Entre os que frequentavam assiduamente o nosso periodico liguei-me particularmente a Leão Trotzky e a Martov.

Surgida a guerra fui mobilizado na Bretanha e depois, na Suissa, obtive o cargo de secretario geral da secção civil da Agencia Internacional dos Prisioneiros de Guerra. E foi ainda na Suissa que, em 1915, publiqui uma apologia "Pour Romain Rolland", no momento em que esse espirito admiravel estava sendo coberto de ac-

Verificou-se, hontem, um encontro de trens na estação de Trilagem e nas circunstancias em que se deu era de esperar consequencias mais lamentaveis. Procedente da estação de Franciscópolis, chegou a estação de Trilagem onde aguardava, fosse o signal aberto para partir o trem de passagem da E. F. Rio D'Ourô S. O. 15. Levando como machinista Arthur Mariano da Silva e chefe de trem Alberto Soares. Nesta occasião apprimou-se da referida estação o trem de passagem da Linha Auxiliãr S. U. A. 15 cujo percurso é da estação de Altrê do Mata á Andrade de Araujo, tendo partido da primeira daquellas estações ás 17 horas e 30 minutos sendo machinista Edgard Barbosa de Carvalho. O cabineiro da estação de Trilagem como se achasse interrompida a linha pelo trem da Rio D'Ourô, deu o signal de aviso. O machinista do outro trem, porém, desrespeitando o signal avançou e despetitou a locomotiva e o trem, porém, não obstante, o S. U. A. 15 desistiu de encontrar ao ultimo carro de 2º e 3º classe e se dirigiu para a machina. Não obstante, o S. U. A. 15 desistiu de encontrar ao ultimo carro de 2º e 3º classe e se dirigiu para a machina. O choque transmitiu-se a todos os carros da composiçã, indo danificados até a machina, do S. O. 15.

O Communismo e a actualidade européa

(Conclusão da 1.ª pagina)

divertiam-se chamando-me de Guilboche ou de Guilbolcheviste. Apenas solto tive noticia de que não seria difficil para mim atravessar o territorio do Reich em direcção da Russia. Mas justamente quando me dispunha a atravessar a fronteira fui novamente preso, sendo libertado depois de muitos dissabores.

DOIS HOMENS

No dia cinco de fevereiro de 1919 pude, finalmente, abandonar o territorio suizo dirigindo-me para a Russia. Foi uma viagem cheia de incidentes extraordinarios, cuja narraçao tomaria um tempo interminavel. Não era lá das coisas mais agradaveis para um francez atravessar o territorio da Allemanha quando a guerra mal havia terminado...

Emfim, somente a seis de março, um mez depois de minha partida, é que pude chegar, são e salvo, a Moscou. Nenhum dia de minha vida foi tão cheio de acontecimentos extraordinarios. Primeiro porque participei na fundação da Internacional comunista, realizada precisamente nesse dia. Depois porque pude rever Lenin, que conhecera na Suissa como simples emigrado e era agora chefe de um Estado de cento e cincoenta milhões de habitantes.

Finalmente porque á tarde Tchitcherine entregava-me um telegramma com a noticia de que eu fôra condemnado á morte por unanimidade pelo Conselho de Guerra em Paris.

Os tres annos que passei desde então na Russia fizeram-me conhecer melhor a personalidade de Lenin e de apreciar as suas admiraveis qualidades de homem de Estado e de amigo. No livro que publicarei nestas semanas sua personalidade é uma das duas que se destacam como em um alto relevo. A outra é a de Romain Rolland. Nesses dois homens tão diferentes encontrei um ponto de contacto, uma absoluta indifferença deante da gloria e da lisonja. Um e outro são inacessiveis á vaidade e capazes de uma amizade duradoura e inabalavel.

NEM TROZKISTA, NEM STALINISTA

Outra coisa que aprendi nesses tres annos foi a conhecer de perto a Russia e os homens da revolução. Entreteve-me continuamente não só com os communistas como com os adversarios da situação. Em 1923 quando vim a Berlim como correspondente da "Humanité" estava plenamente habilitado a ter uma opinião segura sobre os acontecimentos que se desenvolvem na U. R. S. S.

Nem sempre concordei cegamente com as resoluções dos dirigentes moscovitas, mas sempre confiei no futuro da Revolução.

A politica apregoada por Trozky era falsa sob muitos aspectos e o governo russo fez bem em reagir contra ella. Infelizmente levou essa reacção a um excesso condemnavel. O facto é que Trozky era uma das grandes figuras de outubro e se é certo que ha uma tendencia para se exaggerar sua actuação de revolucionario é difficil negar que foi um homem necessario e precioso nos primordios do novo regimen. A meu ver o exilio que lhe impuzeram foi um erro e um grave erro.

Discordo por outro lado da politica da Internacional. Está cheia de pontos fracos e funda-se num absoluto desconhecimento do que ocorre nas varias sessões estrangeiras. O facto é que esses partidos andam roldos por um detestavel burocratismo e, por outro lado, em um contraste paradoxal, levam a ideologia revolucionaria a um extremo que os maiores revolucionarios russos jámais imaginaram. Penso de Stalin que é um extraordinario conhecedor da Russia e do povo russo, admiro a sua coragem e a sua sinceridade, mas sou forçado a confessar que é um homem de idéas estreitas e absolutamente destituído de qualquer noção do que se passa fóra de seu paiz. Isso ao lado do afastamento systematico de todos os homens que o poderiam guiar nesse sentido conduz a uma situação lamentavel. Nenhum dos militantes russos que participaram nos congressos iniciaes da Revolu-

ção acha-se nas boas graças do actual governo dos Soviets. Por mais consideraveis que sejam as justificativas dos responsaveis por esse estado de coisas é de qualquer modo um facto symptomatico e que não pôde ser despresado para os que esperam conhecer com detalhes o que ocorre no ex-Imperio dos czares.

E é por tudo isso que affirmo: não sou stalinista como não sou trozkyista.

A FUTURA GUERRA

Tudo isso — acrescentou Guilbeaux — faz-me reflectir com tristeza no papel que estará reservado á Russia revolucionaria por occasião da guerra futura.

Penso que a ultima conflagração mundial não pôde ser exactamente comprehendida se não se levar em consideração pelo menos tres factos de essencial importancia. Esses factos têm sido até hoje postos de lado pelos ingenuos ou pelos interessados em obscurecel-os.

O primeiro é que foi sobretudo um conflicto economico entre a Inglaterra e a Allemanha. O segundo é que a entrada dos Estados Unidos ao lado dos alliados, que estes saudaram com alegria, é um factor que se volve presentemente contra elles. O terceiro, finalmente, é a revolução russa. Neste ultimo facto deve-se ter em conta não só a existencia de um Estado revolucionario, como de um Estado cujas riquezas naturaes são immensas.

O imperialismo britannico, que derrotou o allemão encontra-se perante dois consideraveis adversarios: os Estados Unidos e a Russia dos Soviets. E, naturalmente, toda a politica ingleza volve-se ao mesmo tempo contra os U. S. A. e contra a U. R. S. S. Dahi, por outro lado, uma tendencia para a aproximação entre esses paizes. É interessante observar que são justamente, entre as grandes potencias mundiaes, as unicas que não estão filiadas á Liga das Nações.

Sobre a Sociedade de Genebra só poderei dizer que é um "bluff" muito grosseiro. O mesmo succede com outros esforços ultimamente desenvolvidos para a affirmação da paz. A Constituição dos Estados Unidos da Europa só serviria para agravar a situação critica em que nos achamos, por isso que tal organização viria a ser inevitavelmente um mero instrumento nas mãos da Inglaterra.

Em summa, o ambiente actual da Europa nada promete para a paz futura do continente e do mundo. Ha cinco annos seria difficil conduzir os povos alliados a uma nova guerra. Hoje se esse facto se realizasse a situação seria mais ou menos identica á de 1914. O que pensar por exemplo da concessão do premio Nobel da paz justamente a Chamberlain, o representante typico do imperialismo britannico? É uma ironia involuntaria, mas terrivel.

Não sou tão ingenuo que veja no actual conflicto russo-chinez um novo Serajevo. Estou certo de que se trata de uma ameaça sem consequencias. As nações esperam alguns annos para a nova guerra, e esta perspectiva só poderia ser evitada por um desarmamento internacional completo. Não creio que isso seja possivel.

Depois de demorar-se nessas previsões pessimistas, Guilbeaux ainda voltou a falar em sua attitude perante a Russia dos Soviets e a Internacional comunista. E a uma pergunta minha respondeu sem hesitar:

— "Sim, pôde publicar tudo quanto eu disse. Repito: não sou nem trozkyista, nem stalinista. Até agora fui em Berlim o correspondente da "Humanité", o orgão official do Partido Comunista em França. Por uma questão de coherencia commigo mesmo acabo de deixar esse cargo. E é, por seu intermedio, por intermedio do O JORNAL e do "Diario de S. Paulo" que me manifesto, pela primeira vez, publicamente contra a orientação do governo russo e dos diversos partidos communistas. E por muitas razões abandono a vida politica activa. Por enquanto mantenho com Moscou relações mais ou menos tensas. Espero que em algumas semanas, com a publicação do meu novo livro essas relações estarão definitivamente, irremediavelmente rompidas.